III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Midiatização, miniaturização e gulliverização[1]

Midiatization, miniaturization and gulliverization

Anelise Angeli De Carli

Palavras-chave: Midiatização. Telas, Gulliverização.

No contexto contemporâneo da cultura da mídia (FAUSTO NETO, 2008), a processualidade própria da interação midiatizada atravessa e redireciona as demais práticas sociais, contribuindo para atualizações do processo social de construção da realidade. A partir do momento em que a mídia se integrou às rotinas das instituições sociais tradicionais – como trabalho, religião, família e política –, ajudou a projetar novas formas de interação (HJARVARD, 2012), através das quais dotamos de sentido o mundo.

Muitas das propostas que se ocupam em problematizar as consequências epistemológicas desse atravessamento apontam para um acirramento identitário que conduz à intolerância com a outridade e ao desconhecimento da alteridade. A imagem da polarização circula em um universo de sentido que a Escola de Grenoble chamaria de estrutura esquizomórfica ou, alegoricamente, regime diurno das imagens (DURAND, 2016). Essa teoria, que coloca a imaginação simbólica na base da experiência do raciocínio, propõe, contudo, outro esquema lógico que pode ser mesmo considerado contrário ao da polarização identitária: o regime noturno. Inversamente às lógicas da exclusão da diferença, os princípios de explicação aqui favorecidos são os próprias das

[1] Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

analogias – isto é, aproxima-se os processos em termos de suas aparências, criando uma impressão de unidade, uma imagem de viscosidade que se baseia no realismo sensorial (DURAND, 2016). Nesse esquema, o abrandamento superficial das diferenças é tão grande que chega mesmo a inverter o papel previsto dos elementos detentores de sentido, como na história de Gulliver.

A proposta desse estudo é pensar a epistemologia da midiatização através de outro marco explicativo, não o do acirramento das diferenças, mas o de seu abrandamento – ou pelo menos aparente confusão de fronteiras. São alguns os rastros que me conduzem a essa hipótese. O cenário da cultura das mídias produziu um efeito imprevisto, segundo Hjarvard (2012), a virtualização das interações sociais. Esse não espaço dos processos midiáticos confere certa domesticação das instituições tradicionais, deixando ainda mais tênue a fronteira que separa a esfera pública da esfera privada, o tempo do trabalho do tempo do descanso. Ademais, a progressiva diminuição do tamanho dos aparatos e o microprocessamento conduzem a uma miniaturização física do universo material que torna possível e visível o processo de midiatização. Associado a isso, o desenvolvimento preferencial das *graphical user interfaces*, que projetam um uso facilitado dos dispositivos digitais para um maior número de usuários não especialistas na linguagem dos códigos. Essas investidas materializam a máxima de que se todos os *medium* têm algo em comum é a característica de desaparecerem (MERSCH, 2018, p. 25).

Referências bibliográficas

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. *Animus*, Santa Maria, v. 5, n. 2, p. 9-35, 2006.

DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Dunod, 2016.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma "analítica" da midiatização. MATRIZes, São Paulo, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

HJARVARD, S. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *MATRIZes*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012.

MERSCH, Dieter. *Théorie des médias* : Une introduction. Les présses du réel: 2018.